

Caros amigos,

Começo assim, sem as formalidades que a ocasião mereceria, sem o “Magnífico”, sem o “Excelentíssimo”, sem o “Ilustríssimo” e os “Senhores” que o cerimonial recomendaria, porque, na essência, estamos entre amigos da Pós-Graduação em Geografia que completa, hoje, 20 anos. Assim, estamos nos sentindo, recebendo a todos vocês que compartilham conosco essa festa.

A dúvida sobre o uso ou não das formalidades decorre do fato de que, nessas ocasiões, num país como o Brasil, estamos sempre entre as instituições e os homens e mulheres que as fazem, oscilando entre esses dois pólos diante e entre os quais hesitamos com frequência, em razão de nossa formação. Somos sempre um pouco informais e queremos sempre ser muito cordiais. Assim somos, ao mesmo tempo: instituições e pessoas.

Mas, se estamos em festa, o que comemoramos? A quem agradecemos? Às instituições que representamos e da qual somos parte, mas também a algumas personalidades, sem as quais o caminho teria sido percorrido, mas de um outro modo.

A história desse programa de pós-graduação, ele mesmo um ambiente de trabalho científico institucional, confunde-se com a história da instituição que o abriga: a Universidade Estadual Paulista.

Seus apenas vinte anos atestam essa juventude e se confundem com os 30 anos desta universidade: a mais jovem das três paulistas. A história dele começa antes mesmo da criação da universidade, nos anos de 1970, período em que uma grande ebulição na vida política e acadêmica do Departamento de Geografia da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, gerou o ambiente favorável, ainda que polêmico, para se começar a pensar numa pós-graduação.

Esse ambiente compunha-se, de um lado, pela ditadura militar, que exigia de professores e alunos toda a energia disponível para se resistir com um mínimo de postura. De outro, pela necessidade de lutar contra a iniciativa de criação desta universidade que tem sido capaz de mostrar que superou e está indo muito além daqueles que a forjaram de modo autoritário. Acrescente-se uma terceira determinante, a do ambiente de discussão e crítica que, no cenário nacional, desenvolvia-se na Geografia brasileira, para compreendermos como ia se formando o caldo cultural e ideológico, no qual se começava a cozinhar essa idéia: Presidente Prudente tem que montar um curso de Pós-Graduação em Geografia.

Entre os professores do Departamento, havia os que acreditavam nessa idéia, mas também os que a achavam muito ousada. O apreço e respeito às nossas relações de filiação acadêmica com a Geografia da Universidade de São Paulo, faziam-nos tímidos. O peso das relações de antagonismo teórico-conceitual da maior parte dos professores com a Geografia que se fazia em Rio Claro e no Rio de Janeiro dificultava os consensos internos ao Departamento e a obtenção dos apoios externos. Quando, enfim, o processo passou a tramitar, já éramos uma universidade, já precisávamos de pareceres favoráveis para chegarmos ao Conselho Universitário, os quais não foram facilmente obtidos, pois os colegas de Rio Claro, nas mãos dos quais passavam os processos, consideravam que tínhamos fôlego, no máximo, para ser uma área de concentração do programa deles.

Essas dificuldades tornavam a tramitação de nossa proposta meândrica e lenta. Foram muitos anos até termos a autorização para funcionar. Processo, pareceres, autorização. Pronto! Obtivemos a institucionalização no âmbito da UNESP e, em 11 de março de 1988, foi dada a primeira aula do nosso curso de Mestrado, pelo Professor Dióres Santos Abreu.

Mas, voltando à afirmativa inicial, se há a institucionalização, cabe perguntar: quem foram as personalidades dessa primeira fase? Cada um dos atores e expectadores desse primeiro período da nossa Pós-Graduação poderia fazer sua escolha, afinal, olhamos para a história e para os fatos a partir de diferentes pontos de vista. É pouco provável, no entanto, que não houvesse

consenso em torno da constatação de que três nomes, três personalidades absolutamente ímpares foram, em grande parte, os principais responsáveis pelo caminho que trilhamos.

Armen Mamigonian, em seu melhor estilo polêmico e radical, foi quem, todo o tempo, afirmava que era preciso montar um curso de Mestrado. Convenceu colegas, debateu francamente com os opositores, estimulou os colegas menos otimistas com as nossas chances, escreveu documentos, cobrou pareceres dos professores que se opunham ou retardavam o processo.

Marcos Alegre, em seu melhor estilo cordial, resolvendo os conflitos, pedindo apoios à votação da proposta nos órgãos colegiados foi quem fez o discurso no Conselho Universitário em defesa da proposta, fala contundente e emocionada que terá tido papel fundamental na arregimentação de votos.

José Ferrari Leite, em seu melhor estilo de organização, reuniu papéis, acompanhou a legislação, pediu currículos, adaptou as idéias candentes a ementas, grades e linhas. Depois conferiu tudo e montou o processo que viabilizou a tramitação. Foi o primeiro coordenador do curso.

Vieram as primeiras turmas, chegariam as primeiras defesas em breve e era preciso obter o reconhecimento da CAPES, cobrado pela instituição, cobrado pelos alunos que queriam e mereciam um diploma de mestrado reconhecido. Reiniciaram-se as lutas: a área de concentração proposta e as linhas de pesquisa desenhadas não foram bem recebidas pelo representante da área junto à CAPES, ele mesmo filiado a uma visão de Geografia que não era a nossa.

Visitas, esforços para mostrar as melhorias de infra-estrutura e a evolução bem positiva da produção científica dos professores, tentativas de adaptar o título da área de concentração... Era fundamental obter o reconhecimento da agência nacional que financia e avalia a pós-graduação no Brasil. O segundo coordenador do programa, Messias Modesto dos Passos, encarregou-se dessa tarefa difícil, ao seu estilo, veemente e brincalhão, ao mesmo tempo.

Vamos abreviar as etapas subsequentes, porque ainda estamos no começo dos anos de 1990. Vieram a criação da Revista FORMAÇÃO, a aprovação do doutorado, a conformação dos grupos de pesquisa que constituem a base de pesquisa e reflexão do atual programa, os primeiros conceitos da CAPES (C, depois nota 4, em seguida nota 5 e, já na década em que estamos, as duas notas 6 subsequentes, uma posição destacada entre os três melhores programas entre os 38 que compõem, no Brasil, a área de Geografia).

Não foram só alegrias ou sucessos. Foi necessário um conjunto de medidas difíceis: manter no programa apenas os professores diretamente envolvidos com o cotidiano da pós-graduação; definir os instrumentos e critérios de seleção para o ingresso; aumentar as exigências nos exames de qualificação; avaliar bolsistas; ameaçar o corte de bolsas; discutir os critérios de distribuição de recursos. Foi necessário dizer muitas vezes não, quando o nosso espírito cordial teria achado mais fácil dizer sim; mas, também, dissemos muitas vezes sim, quando deveríamos ter dito não.

Os professores que compõem o atual programa são, em sua maioria, com as poucas exceções dos mais jovens que se integraram recentemente, os que viveram esse longo período, o de consolidação.

Os coordenadores e sub-coordenadores dessa segunda etapa Messias, Olímpio, Eliseu, Hideo, Alvanir, Marcio, Encarnação, Marcos, João Lima, Raul, Margarete foram os que assumiram, mais cotidianamente, a execução das medidas que iam sendo tomadas pelo conselho, sugeridas pela CAPES e estimuladas pela Reitoria.

Institucionalmente, a UNESP pressionou-nos, exigiu melhorias, números, indicadores, médias melhor distribuídas e esse papel foi exercido de modo conseqüente e eficaz pelo Professor Marcos Macari, quando ainda era Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa e nos convidou a estabelecer metas, a avaliar, a recomendar, a redefinir parâmetros, a caminhar e perguntar as razões pelas quais o esperado não era alcançado.

Os técnico-administrativos aprenderam também a embalar o programa, essa criança, depois adolescente que almejava chegar à juventude que hoje comemoramos. Ana e Márcia representam, de modo bem particular, essa contribuição.

E os alunos, a quem citar? Foram tantos e eles são a melhor vitrine do que aqui estamos desenvolvendo. Há os que se tornaram professores da UNESP, no campus de Presidente Prudente, Jaboticabal e Ourinhos. Há os inúmeros que, oriundos de universidades estaduais e federais, voltaram às suas instituições, levando um pouco de nós, do Acre à Paraíba, do Pará ou Rio Grande do Sul. Há os que ingressaram no mercado de trabalho, muitos obtendo o primeiro lugar, nos concursos das principais universidades brasileiras e, hoje, já orientando na pós-graduação. Há os que desenvolvem o árduo trabalho no ensino fundamental e médio. Há os que estão em órgãos ou empresas de planejamento, de análise ambiental, de tantas áreas com as quais a Geografia trabalha. Há mexicanos, chilenos e espanhóis que ficaram um pouco brasileiros, há os que voltaram, há os que permaneceram entre nós. Há os que brigaram, há os que protestaram em tantas ocasiões para melhorar o programa, para a Reitoria dar mais recursos, para os critérios serem alterados. Alguns se casaram, outros se separaram, alguns brincaram, tomaram cerveja juntos, fizeram a “revolução” e foram dormir em seguida, mas voltaram animados, cada um a seu modo, percorrendo esse caminho coletivo que vem sendo desenhado.

Há, também os que não se envolveram, professores, técnicos e alunos, porque a história é feita assim, aos pedaços, cheia de contradições, pelo direito e pelo avesso, porque há o institucional e há o humano, porque há o coletivo e o individual, porque há o público, numa sociedade de mercado, porque há a busca pela equidade e pela justiça, num país como o nosso: desigual e ainda construindo sua condição cidadã e republicana, ainda enfrentando sua Modernidade incompleta.

O fato é: não haveria programa, não haveria excelência, não haveria festa não fosse significativo o número de pessoas que estiveram envolvidas nesse processo. Por isso esse auditório está cheio no dia de hoje, por isso a coordenação recebeu, em nome de professores, alunos e funcionários, as congratulações, mesmo daqueles que não podem festejar conosco nesta data.

Por isso, há um caminho que continua. Alguns entre nós ainda vamos caminhar muito, outros virão e darão continuidade ao processo. Ao César e à Margarete está sendo atribuída a difícil tarefa de coordenar o desenho do trajeto que queremos trilhar. Não, por coincidência, o César tem sido a figura que liderou as alianças e administrou os conflitos que pareciam que seria impossível vencer para que o dia de hoje chegasse e o prédio em parceria com os Comitês de Bacias Hidrográficas pudesse ser inaugurado. Você se lembra Professor Macari quando nos disse<sup>1</sup>: “Se conseguirem os recursos para a construção do prédio, prometo arrumar a parte dos recursos que cabe à UNESP”. Foi, com certeza, o seu jeito de nos dizer que acreditava que o grupo conseguiria, com a ajuda de colegas do Departamento de Matemática, de Educação e de Engenharia Cartográfica, nossos aliados na profícua parceria que vimos estabelecendo com os Comitês de Bacias Hidrográficas.

São parcerias como essa, que realizam a idéia tão difundida em meios universitários, de que é importante estabelecer um diálogo entre o teórico e o empírico. Por meio dela, a Universidade também cumpre seu papel social e alimenta seus ambientes de reflexão e de pesquisa, com novas questões que profissionais e políticos enfrentam no dia-a-dia dos inúmeros municípios que compõem as duas bacias hidrográficas.

São parcerias como essa que alimentam o desenvolvimento das quatro linhas de pesquisa: análise e gestão ambiental; - desenvolvimento regional; - espaço rural e movimentos sociais; e - produção do espaço urbano; além de duas linhas transversais: teoria e método em Geografia; - ensino de Geografia, num Programa de Pós-Graduação que se organiza com base em oito grupos de pesquisa e três laboratórios diretamente associados ao programa.

Até a data de hoje, esse programa formou 254 mestres e 79 doutores. Acolheu e acolhe alguns estágios de pós-doutorado. Desenvolve dezenas de projetos, alguns de grande porte, como dois temáticos da FAPESP, políticas públicas também da FAPESP, vários em editais do CNPq

---

<sup>1</sup> O texto, nessa passagem, expressa diálogo estabelecido em público, com o Reitor presente à cerimônia em que a essa fala foi feita.

(Universal, de Humanas, Prosul), da CAPES (Casadinho) etc. Tem 33 bolsistas de Mestrado e 26 de Doutorado.

O novo período, que está ainda começando, vem cheio de possibilidades que se abrem: - doutorado interinstitucional com a UEMA; - doutorado no exterior para a Universidade de Córdoba, na Colômbia; - o futuro mestrado profissionalizante para os Comitês de Bacias; - intercâmbios de pesquisa, de professores e de alunos, com várias universidades brasileiras e estrangeiras; - novos projetos junto às agências de fomento; - direito de usufruir do Programa de Excelência (PROEX) da CAPES; - mais parcerias; - mais trabalho com órgãos, empresas, movimentos sociais e sindicatos.

Assim, desse jeito, como queremos ser: sabendo que nossa cara institucional (e, portanto, na unidade que buscamos ou em cujas representações nos apoiamos) está o perfil de um programa da “periferia” que ganha sua centralidade, com personalidade dada pelos grupos de pesquisa, no lugar da simples manutenção das tradicionais relações entre orientador e orientandos.

Assim desse jeito, como conseguimos ser: um programa plural, em seus interesses temáticos, em suas perspectivas teórico-conceituais, em suas posições políticas, em suas personalidades.

Agradeço, particularmente, a atenção que dispensaram a esse balanço um pouco pessoal que, como todos os depoimentos, é também parcial, razão pela qual peço desculpas pelas omissões, pelos esquecimentos, pelas escolhas feitas.

Agradeço, em nome de todos do programa, ao apoio que vocês, presentes a essa festa, representando também tantos outros que não podem estar aqui hoje, deram e continuarão a dar à nossa caminhada.

Maria Encarnação Beltrão Sposito  
Presidente Prudente, 11 de março de 2008.